



Eixo 6 – O mundo digital: apropriação e desafios

Biblioteca escolar como infraestrutura de produção informacional: o Jornal Folha da Tijuca no contexto do Antropoceno da cultura digital

*School library as information production infrastructure:
the Folha da Tijuca Newspaper in the context of the Anthropocene of digital culture*

Ana Helena Pires da Silva – Escola Firjan SESI – anahelenapiress@gmail.com

Resumo: Este relato de experiência analisa a Biblioteca Firjan SESI Tijuca como infraestrutura de produção informacional no contexto do Antropoceno. O objetivo é descrever o Jornal Folha da Tijuca, projeto colaborativo protagonizado por 22 estudantes. Por meio de sistematização qualitativa das práticas de 2024 até o presente momento, o estudo explora a mediação bibliotecária e o letramento mediático. Os resultados indicam a consolidação de ecossistema híbrido (Instagram, site, impressos), destacando o protagonismo estudantil, inclusão e justiça epistêmica, com reportagens atingindo 11,2 mil visualizações. Conclui-se que a biblioteca amplia sua função ao estruturar a produção e circulação responsável da informação.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Cultura digital. Tecnologia educacional. Engajamento comunitário. Desinformação.

Abstract: This experience report analyzes the Firjan SESI Tijuca Library as an information production infrastructure within the context of the Anthropocene. The objective is to describe the Folha da Tijuca Newspaper, a collaborative project led by 22 students. Through qualitative systematization of practices from 2024 to the present, the study explores library mediation and media literacy. The results indicate the consolidation of a hybrid ecosystem (Instagram, website, print editions), highlighting student agency, inclusion, and epistemic justice, with reports reaching 11.2 thousand views. It is concluded that the library expands its role by structuring responsible information production and circulation.

Keywords: School library. Digital culture. Educational technology. Community engagement. Misinformation.



1 INTRODUÇÃO

Em um contexto marcado pelas transformações sociotécnicas do Antropoceno, os ambientes virtuais passaram a impactar diretamente os processos educativos e as formas de construção do conhecimento. A circulação acelerada de dados, o uso contínuo das redes sociais e o crescimento da desinformação ampliaram desafios relacionados à leitura crítica, à validação de fontes e à responsabilidade no compartilhamento de publicações. Segundo Castells (2013), as redes digitais transformaram não apenas os fluxos comunicacionais, mas também as formas de interação social e produção de sentido na sociedade contemporânea. A velocidade com que materiais circulam nas redes muitas vezes dificulta processos de verificação e análise crítica, especialmente entre jovens que mantêm contato constante com textos, imagens e diferentes formatos de mídia disseminados online.

Nesse cenário, as instituições de ensino passaram a enfrentar demandas que ultrapassam o acesso às tecnologias. Tornou-se necessário desenvolver práticas educativas voltadas à interpretação crítica das informações, à compreensão dos processos de circulação de conteúdos e ao uso ético das plataformas digitais. A escola passa, portanto, a ocupar papel estratégico na formação de estudantes capazes de compreender, questionar e produzir informações em uma sociedade marcada pela conectividade permanente e pela rápida disseminação de narrativas. Inserida nesse processo, a biblioteca escolar amplia suas possibilidades de atuação e deixa de ocupar apenas funções relacionadas ao armazenamento de acervos e ao empréstimo de livros. O espaço passa a atuar de maneira mais próxima das práticas pedagógicas e comunicacionais da escola, acompanhando produções estudantis, desenvolvendo competências ligadas à escrita e mediando experiências relacionadas à pesquisa, autoria e curadoria editorial. A biblioteca também assume papel relevante na valorização das experiências da comunidade escolar, funcionando como espaço de registro, circulação e preservação de memórias institucionais e trajetórias estudantis. A Biblioteca Firjan SESI Tijuca, localizada no Rio de Janeiro, desenvolve ações voltadas a essa perspectiva de mediação da informação e participação estudantil. Entre essas iniciativas está o Jornal Folha da Tijuca que é organizado por equipes editoriais e acompanhado pela biblioteca e por professores parceiros, o jornal envolve atividades relacionadas à escrita,



fotografia, revisão textual, produção audiovisual, design e cobertura de eventos escolares. Além da circulação de publicações, o Folha da Tijuca também atua como espaço de registro de acontecimentos institucionais, debates sociais e experiências da comunidade escolar. As pautas desenvolvidas pelos estudantes abordam temas ligados à cultura, inclusão, identidade, educação e memória, permitindo que os próprios alunos participem da construção das narrativas produzidas dentro do ambiente escolar.

A experiência do Jornal Folha da Tijuca permite discutir como a biblioteca escolar pode estruturar espaços de jornalismo estudantil, participação coletiva e produção crítica de narrativas em ambientes conectados, aproximando os estudantes de práticas reais de comunicação e mediação da informação.

As discussões sobre mediação da informação têm ganhado relevância diante das transformações digitais que impactam a educação e os modos de produção do conhecimento. O acesso ampliado às plataformas digitais não garante, necessariamente, o desenvolvimento do pensamento crítico. Pelo contrário, o excesso de dados e a velocidade com que materiais circulam nas redes tornam ainda mais necessária a atuação de profissionais capazes de orientar processos de seleção, interpretação e validação de informações. Nesse sentido, Dudziak (2010) destaca que a competência em informação envolve não apenas o acesso aos dados, mas também a capacidade crítica de localizar, compreender e utilizar informações de maneira ética e responsável. Nesse processo, a biblioteca escolar assume papel estratégico. Mais do que disponibilizar materiais informacionais, o espaço participa da formação intelectual e cultural dos estudantes, aproximando-os de práticas ligadas à pesquisa, escrita, curadoria editorial e uso ético das plataformas digitais. Para Campello (2012), a biblioteca escolar deve integrar as práticas pedagógicas da instituição e contribuir para a formação de sujeitos capazes de interpretar, selecionar e produzir informações em diferentes contextos. A atuação do bibliotecário também passa a envolver acompanhamento de produções estudantis e mediação de experiências relacionadas à comunicação e à autoria.

Projetos de comunicação escolar potencializam essa atuação ao aproximarem os estudantes de experiências concretas de produção jornalística e circulação de publicações em ambientes conectados. Ao desenvolver conteúdos voltados à comunidade escolar, os alunos deixam de ocupar apenas a posição de consumidores de



mídia e passam a participar ativamente da construção de narrativas, ampliando a percepção sobre linguagem, credibilidade e responsabilidade editorial. Jenkins (2009) observa que a cultura da convergência altera as relações entre produtores e consumidores de mídia, permitindo formas mais participativas de criação e compartilhamento de conteúdo.

Figura 1 – 3 imagens: perfil do Instagram + post sobre diversidade e visitação a Aldeia Maracanã



Fonte: elaborada pelas autoras.

Descrição: Imagem 1 (perfil): plano geral, identifica o sujeito (@jornalfolhadatijuca), descreve dados numéricos, destaques e grade de publicações, cores e elementos visuais; Imagem 2 (post Diversidade): plano americano, descreve os três jovens, posicionamento, vestimentas, logomarca, texto do balão laranja e créditos; Imagem 3 (estudante + liderança indígena): plano médio, ambiente externo, descreve as duas pessoas, pinturas corporais, credencial de imprensa, elementos de fundo.

A experiência também evidencia a relação entre biblioteca escolar e memória social. As pautas produzidas registram acontecimentos institucionais, trajetórias estudantis, manifestações culturais e debates sociais que atravessam o cotidiano escolar. Dessa forma, o jornal não atua apenas como ferramenta de comunicação, mas também como espaço de preservação de experiências e narrativas construídas pelos próprios estudantes.

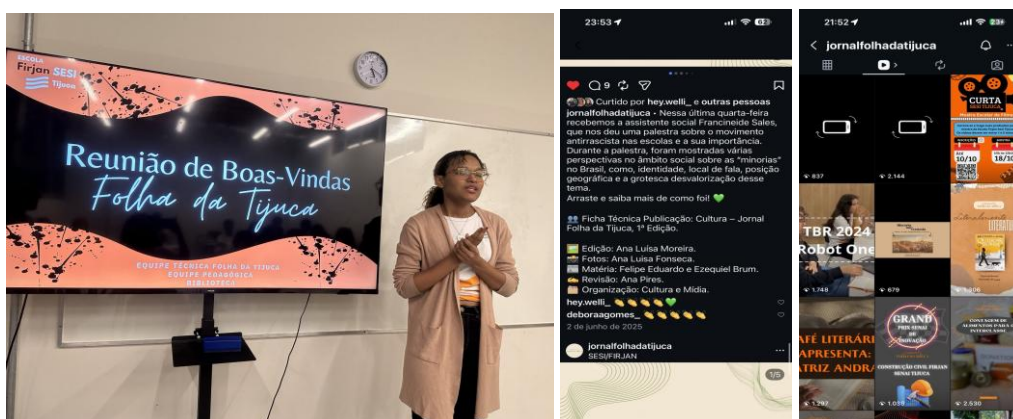
2 METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado nas atividades desenvolvidas pela Biblioteca Firjan SESI Tijuca a partir do Jornal Folha da Tijuca. A análise considera os fluxos editoriais construídos no projeto, as práticas de mediação da informação e as formas de participação estudantil observadas ao longo das atividades desenvolvidas desde 2024.



O jornal é formado por 22 estudantes do Ensino Médio, distribuídos entre diferentes séries e organizados em equipes voltadas à reportagem, mídia e marketing, esportes, cultura e educação, monitoria e coordenação geral. Cada integrante escolhe uma área de atuação conforme seus interesses e habilidades, participando de atividades relacionadas à escrita, fotografia, cobertura de eventos, organização de pautas, produção audiovisual, design e gestão das redes sociais. O ingresso de novos participantes ocorre anualmente por meio de processo seletivo destinado às turmas de primeiro e segundo ano do Ensino Médio. A seleção envolve edital, apresentações nas turmas e banca avaliadora, contando com participação ativa dos próprios integrantes do jornal na divulgação das etapas e no acolhimento de novos estudantes. As atividades desenvolvidas incluem reuniões editoriais, planejamento de pautas, entrevistas, produção de materiais gráficos, cobertura de eventos escolares e publicação de conteúdos nas plataformas institucionais da escola. Todas as matérias passam por revisão textual realizada pela bibliotecária responsável pelo projeto ou por professores parceiros, envolvendo discussões relacionadas à clareza textual, adequação da linguagem, validação de informações e responsabilidade ética das publicações. Também são realizados registros das reuniões editoriais, observações do cotidiano das equipes, publicações produzidas pelos estudantes e experiências pedagógicas desenvolvidas ao longo da trajetória do jornal.

Figura 2 – 3 imagens: reunião de boas-vindas + post da palestra antirracista + grade de *Reels*

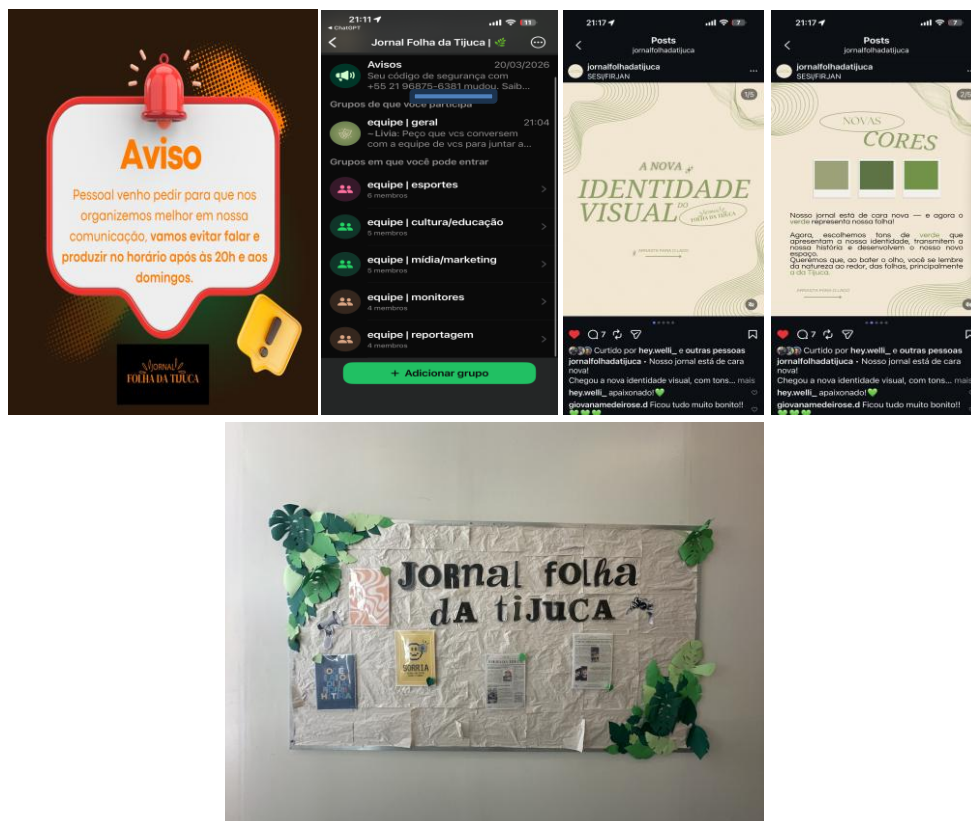


Fonte: Elaborada pela autora.

Descrição: Imagem 1: plano americano, jovem apresentando, monitor com slide, logomarca da escola, relógio ao fundo; Imagem 2: captura de tela do Instagram com ficha técnica completa, data, créditos e legenda da publicação; Imagem 3: grade de *Reels* com número de visualizações e títulos dos conteúdos visíveis.



Figura 3 — 5 imagens: card aviso + WhatsApp + identidade visual



Fonte: elaborada pela autora.

Descrição: Imagem 1: card digital, fundo marrom escuro, balão branco com borda vermelha, sino, ícone de exclamação, logomarca. Imagem 2: estrutura de grupos do WhatsApp com nomes, número de membros e última mensagem. Imagem 3: primeiro slide do carrossel de identidade visual, fundo bege, tipografia verde oliva. Imagem 4: segundo slide "Novas Cores", amostras de paleta em polaroide, texto explicativo O Jornal Folha da Tijuca: Relato e Análise da Experiência. Imagem 5: Mural do jornal escolar Folha da Tijuca exposto em parede interna, decorado com folhas verdes de papel e contendo exemplares e materiais informativos produzidos pelos estudantes.

O Jornal Folha da Tijuca surgiu em 2024 a partir de uma construção coletiva entre a Biblioteca Firjan SESI Tijuca, estudantes do Ensino Médio e a equipe pedagógica da instituição. Desde as primeiras reuniões, os próprios alunos participaram ativamente da elaboração da proposta editorial, incluindo a escolha do nome do periódico, inspirado no bairro da Tijuca, território de forte identidade cultural onde a escola está inserida. Os estudantes envolvidos na concepção inicial do projeto assumiram o papel de monitores das equipes temáticas e operacionais, auxiliando na organização contínua das atividades e no acolhimento das turmas subsequentes.



Figura 4 — 3 imagens: foto coletiva da equipe + credenciais de imprensa + jornal físico



Fonte: elaborada pela autora.

Descrição: Imagem 1: plano geral, grupo de 22 estudantes mais a Bibliotecária em sala de informática, tela ao fundo com logo do jornal. Imagem 2: plano detalhe, quatro crachás de imprensa em leque sobre superfície branca, materiais e cores descritos. Imagem 3: Três estudantes sorriem na biblioteca enquanto exibem exemplares do jornal escolar *Folha da Tijuca*.

Durante a estruturação metodológica das ações, o corpo discente identificou o Instagram como o principal espaço para a circulação das publicações, considerando o amplo alcance da plataforma junto à comunidade escolar e a familiaridade dos jovens com a linguagem desse ambiente digital.

Para além do suporte técnico e pedagógico oferecido rotineiramente pela biblioteca, o coletivo editorial participa de experiências formativas conduzidas por profissionais de mercado convidados. Entre as ações realizadas, destacam-se oficinas e workshops ministrados por fotógrafos e jornalistas profissionais, que abordaram temas como linguagem visual, técnicas de entrevista, enquadramento fotográfico e circulação ética de informações em ambientes digitais. O projeto conta ainda com o apoio intersetorial de professores da instituição, que colaboram diretamente na orientação de pautas específicas, na revisão textual das matérias e no monitoramento das rotinas de publicação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Acompanhar a trajetória do Jornal Folha da Tijuca permitiu observar impactos que extrapolaram o desenvolvimento de competências puramente técnicas ou editoriais. O exercício da autoria em um ambiente mediado pela biblioteca revelou-se um dispositivo eficaz para o fortalecimento de vínculos institucionais, inclusão e desenvolvimento socioemocional.



Um dos casos empíricos que evidenciam essa transformação envolveu um estudante que apresentava dificuldades iniciais de engajamento com as dinâmicas escolares tradicionais, refletidas em baixo rendimento acadêmico. Ao integrar o coletivo do jornal, o aluno foi inserido em uma dinâmica de responsabilidade compartilhada que exigia assiduidade e cooperação. Como princípio norteador do projeto, a permanência nas equipes editoriais está diretamente condicionada ao acompanhamento do rendimento escolar e ao cumprimento dos prazos pedagógicos regulares. Essa condicionalidade, longe de ser punitiva, funcionou como estímulo: o envolvimento prático com a fotografia e com a liderança de pautas despertou no discente um senso de utilidade e pertencimento. Observou-se, conseqüentemente, uma melhora expressiva em seu comprometimento com as obrigações letivas e um estreitamento saudável de seus laços com o corpo docente e com a comunidade educativa.

Outro episódio de alta relevância social e pedagógica envolveu uma estudante integrante do núcleo fundador do periódico. Encontrando no jornal um espaço seguro e validado de expressão, a aluna passou por um processo de fortalecimento e afirmação pública de sua identidade étnica indígena. A discente liderou a produção de matérias investigativas aprofundadas sobre a Aldeia Maracanã e pautou discussões sobre os processos de xenofobia, estereotipação e apagamento cultural que ela própria enfrentava no cotidiano urbano como o fato recorrente de ter sua identidade originária negligenciada e ser erroneamente associada a nacionalidades asiáticas devido a traços fenotípicos. A circulação dessa pauta e os desdobramentos gerados no perfil digital do jornal ampliaram o debate sobre diversidade cultural no ambiente escolar.

As atividades desenvolvidas pelo Jornal Folha da Tijuca consolidaram o periódico como um espaço de mediação cultural e aplicação prática de debates relacionados à inclusão, ao antirracismo e à diversidade social. As publicações passaram a salvaguardar os acontecimentos e as vivências da escola sob a ótica dos próprios estudantes, aproximando trajetórias individuais de processos complexos de comunicação pública. Esse protagonismo juvenil, não aconteceu de forma desordenada, mas sim estruturou-se a partir da mediação técnica realizada pela biblioteca e pelos professores parceiros. O equilíbrio entre a liberdade criativa conferida aos estudantes e o acompanhamento ético profissional garantiu que as tomadas de decisão sobre pautas, formatos e estratégias de publicação permanecessem nas mãos dos alunos, sem que se perdesse o



rigor informacional necessário para a consolidação de um ambiente de autoria responsável e aprendizagem colaborativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da experiência do Jornal Folha da Tijuca demonstra de forma empírica que a biblioteca escolar contemporânea possui a capacidade de ampliar significativamente seu escopo de atuação quando integrada às dinâmicas de comunicação digital, autoria em rede e protagonismo juvenil. Embora jornais escolares não sejam iniciativas recentes no contexto educacional, a experiência desenvolvida no Jornal Folha da Tijuca apresenta elementos que dialogam com demandas contemporâneas da educação midiática e informacional.

Diante do colapso informacional dessa nova era geológica e social, o Jornal Folha da Tijuca provou ser um antídoto pedagógico eficaz. O jornalismo escolar, sob a égide da mediação bibliotecária, opera como um dispositivo de escuta qualificada e um arquivo vivo das sensibilidades da comunidade educativa. Ao documentar manifestações culturais locais, vivências singulares e debates complexos sobre território e identidade como os que envolveram a Aldeia Maracanã e o enfrentamento à xenofobia, as publicações salvaguardam uma memória institucional contra hegemônica. Esse registro histórico preserva a pluralidade do cotidiano, garantindo a permanência de narrativas que frequentemente são silenciadas pelos registros burocráticos e administrativos formais. Para o campo da Biblioteconomia, este relato de experiência reforça a necessidade de práticas pautadas pela interdisciplinaridade, pela postura proativa e pela apropriação crítica das tecnologias digitais.

Em suma, o Jornal Folha da Tijuca subsidia novos modelos de atuação para as bibliotecas de Ensino Médio, posicionando-as como espaços dinâmicos de agência cultural e resistência intelectual. Em pleno Antropoceno, onde a aceleração tecnológica muitas vezes atropela a reflexão profunda, a biblioteca escolar reafirma sua necessidade política e pedagógica. Ela se firma não como um apêndice decorativo do currículo, mas como uma âncora dialógica indispensável para a construção da autonomia, da cidadania e da preservação da memória coletiva em rede.



REFERÊNCIAS

CAMPELLO, Bernadete Santos (org.). **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 144 p.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **Information literacy**: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. DOI: 10.1590/S0100-19652003000100003. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016>. Acesso em: 10 abr. 2026.

HAFF, Peter K. **Humans and technology in the Anthropocene**: six rules. *The Anthropocene Review*, London, v. 1, n. 2, p. 126-136, 2014. DOI: 10.1177/2053019614530575.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

